

4. Género e sexualidades

OC - (23191) - INTIMIDADE ONLINE EM TEMPOS DE PANDEMIA: UMA ABORDAGEM DE GÉNERO SOBRE AS PERCEÇÕES E PADRÕES DE USO DO CIBERSEXO POR ESTUDANTES UNIVERSITÁRIOS PORTUGUESES

Fábio Anunciação (Portugal)^{1,2}; Carla Cruz (Portugal)^{1,3,4}; Shaina Mohamade (Portugal)¹

1 - Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas (ISCSP-ULisboa); 2 - Instituto para as Políticas Públicas e Sociais (IPPS-Iscte); 3 - Centro em Administração e Políticas Públicas (CAPP-ISCSP); 4 - Centro Interdisciplinar de Estudos de Género (CIEG-ISCSP)

O isolamento social para responder à pandemia de COVID-19 redefiniu as relações íntimas e os comportamentos sexuais dos jovens, que procuraram gratificação sexual no digital. Aplicando o inquérito por questionário a 406 estudantes universitários e entrevistas a psicólogas-sexólogas, este estudo analisa, numa lente de género, os padrões de uso do cibersexo e motivações e perceções quanto às respetivas implicações. Os resultados mostram que 40% dos inquiridos praticou cibersexo durante a pandemia, mas as mulheres menos e com menor intensidade. A maioria fê-lo através das redes sociais *online* e com uma frequência de uma a cinco vezes por mês. O cibersexo foi predominantemente praticado com o/a namorado/a, sendo que os homens praticaram-no mais com parceiros casuais. Combinar mensagens de voz e *sexting* com o envio de *nudes* foi a opção preferida, sendo as mulheres quem mais usou chamadas telefónicas. Os homens recorreram mais ao cibersexo por timidez, divertimento ou para conhecer alguém, e menos por aborrecimento. A maioria não considerou a segurança *online* e anonimato como principais motivos para a prática do cibersexo, mas foram as mulheres quem menos os salientou. Sugere-se uma convergência de género sobre as implicações do cibersexo, considerando os riscos de dependência, *revenge porn* e na exploração fácil de fantasias sexuais. Nas mulheres, o cibersexo ajudou a ultrapassar inibições individuais, mas salientaram o perigo da partilha de conteúdos sexuais na internet. As entrevistadas referem que a negligência de responsabilidades ou o desenvolvimento de dependências, na pandemia, tendem a não ser problemáticos. Admitem que a falta de informação dos jovens pode conduzir a uma subvalorização dos riscos, considerando que as raparigas percebem mais negativamente o cibersexo por temerem as consequências. O estudo do cibersexo após a pandemia pode contribuir para uma compreensão mais profunda das práticas e comportamentos sexuais *online*, incluindo questões relacionadas ao consentimento, segurança e privacidade.

Palavras-chave : Cibersexo, pandemia da COVID-19, estudantes universitários, perceções e motivações, diferenças por género.